

Estereótipos

NÃO JULGUE A PELE QUE HABITO

Velhos ditados em relação à aparência das pessoas e aos movimentos sociais ainda predominam na formação de opiniões

Por Jacqueline Elise
e Marianne Bufalo

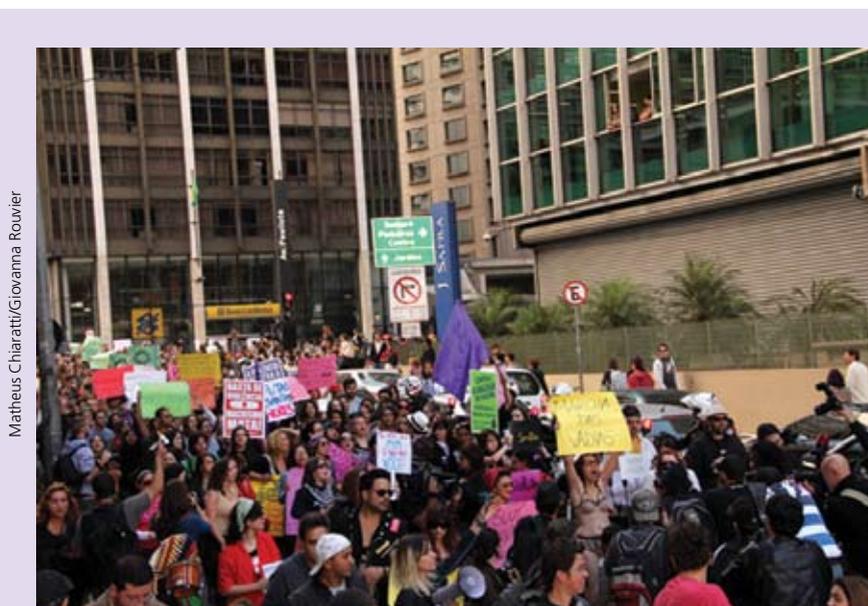
Nem toda mulher que usa roupas curtas é prostituta. Nem todo homem forte e musculoso é ignorante. Nem todos que usam óculos são inteligentes. Nem todos que tem tatuagem são marginais. Nem todos que defendem a legalização das drogas são usuários. Nem toda gordinha é feia e infeliz. Nem toda gostosona é realizada. Nem todo participante de algum movimento social é baderneiro. Mas **todos** que julgam pela **aparência** mostram **não ter fundamentos necessários para realizarem tais afirmações**.

A influência que a vestimenta e a aparência da pessoa têm na maneira como ela será tratada pela sociedade vem se tornando cada vez mais assídua e desenvolvendo um sentimento de cobrança cada vez maior em quem não atende a certos padrões considerados "ideais". Os transtornos ou distúrbios alimentares, por exemplo, são frequentemente considerados quadros clínicos ligados à modernidade, mas os primeiros relatos aparecem durante a Idade Média, com a prática do jejum. Hoje, a cultura da magreza se infiltrou de tal maneira que beleza e gordura definitivamente não podem andar juntas aos olhos da maioria.

A jornalista e blogueira Luka fez uma análise do que acontece quando a ditadura da aparência atinge níveis alarmantes. "Acho que há um padrão de beleza que hoje impera na sociedade e não foi sempre assim, pois os padrões mudam de acordo com as mudanças sociais", afirma. "A pressão por ser branca, magra e ter cabelo liso é muito grande; chega ao fato de crianças se sentirem mal consigo mesmas e se acharem feias, pois não encaram que o diferente pode ser bonito também."

Além dessa ditadura estética, o "grupo" ao qual a pessoa pertence também influenciará na forma como será tratada. Igor Felipe Santos, coordenador do setor de Comunicação do MST, afirmou que grande parte do preconceito sofrido se deve a falta de conhecimento das pessoas em relação ao movimento. "Se for a um lugar de trabalhadores organizados e politizados, em partidos, sindicatos, entidades estudantis e movimentos sociais, é possível que sejamos bem vistos", diz. "O MST é uma referência para aqueles que lutam em defesa dos seus direitos. Em outros espaços, nos quais se desconhece a organização e luta do nosso movimento, a violenta concentração de terra e a pobreza no campo; existe preconceito."

Igor comenta que os integrantes do movimento são vítimas de estereótipos que são criados em torno do camponês, que é histórico, e dos lutadores sociais. "Existe uma imagem de que os camponeses são ignorantes, atrasados, preguiçosos, que tem como principal referência o personagem do Jeca Tatu, do Monteiro Lobato. De outro lado, tem os estereótipos criados em torno daqueles que lutam, de que são violentos, não respeitam as leis, não querem trabalhar." Ele também foi enfático ao contar que a mídia burguesa é o meio principal para a consolidação desses estereótipos. "Em



Matheus Chiaratti/Giovanna Rouvier

Manifestantes da Marcha das Vadias andam pela avenida Paulista para protestar contra a cultura de estupro e a opressão à mulher

“ FALTA NA VERDADE VONTADE POLÍTICA, POIS PARA ACABAR COM ALGO TÃO ARRAIGADO, SÓ COM MEDIDAS POLÍTICAS CONTUNDENTES E ENÉRGICAS ”
(LUKA SOBRE SOLUÇÕES PARA QUEBRAR ESTEREÓTIPOS)

primeiro lugar, não aparece na mídia burguesa a realidade dos camponeses, a vida dura no campo, a falta de terra, a super exploração do latifúndio. Em segundo lugar, não se contextualiza as lutas dos trabalhadores rurais, que no Brasil 1% dos proprietários controlam 40% das terras e a falta de política para a pequena agricultura. Em terceiro lugar, não aparecem as conquistas dos camponeses a partir da luta dos movimentos sociais, que estão estudando em universidades públicas, desenvolvem ciência e tecnologia, desenvolvem técnicas de agroecologia e produzem alimentos para abastecer as cidades. Ou seja, a mídia burguesa apaga, esconde, omite e descontextualiza a perspectiva social dos trabalhadores rurais sem terra", resume.

De certo, o MST não é o único grupo social que sofre preconceito. Todo grupo que é excluído, seja por viés econômico, cultural ou estético e responde a alguém por seu estereótipo também está sendo vítima de um conceito pré-definido e sem conhecimento aprofundado.

Um exemplo típico de luta contra esse preconceito foi a Marcha das Vadias (originalmente batizada de **SlutWalk**), criada este ano. Em uma universidade de Toronto, no Canadá, um policial palestrou sobre segurança no campus e afirmou que menos estupros aconteceriam se as mulheres parassem de se vestir como vagabundas, "sluts". Indignadas, as alunas se uniram e montaram o protesto para informar a todos que o único culpado pelos assédios sexuais cometidos é o estuproador, não a mulher. Para Luka, que também participou da Marcha das Vadias em São Paulo, "os governos deviam investir em capacitação profissional para desconstruir este senso comum de que a mulher é culpada pela sua violência por causa do seu jeito de vestir, andar ou falar", sugere. "O problema é que quando chega à parte da capacitação profis-

sional e inserção de uma educação anti-machista nas escolas é que tudo trava, pois é onde o setor mais conservador da nossa sociedade não abre mão de interferir."

Ao falar sobre o caráter ideológico da Marcha das Vadias, Luka também comentou sobre um impasse que aconteceu na SlutWalk: as canadenses não quiseram assumir o caráter feminista da manifestação. "Acredito que o fato de lá fora não se colocar como uma manifestação feminista é na verdade por conta de um véu de senso comum que existe sobre as ideologias contra-hegemônicas existentes na sociedade", afirma. Ainda há muitos estigmas sobre o movimento feminista, que tem sua ideologia constantemente distorcida na mídia e na sociedade. O feminismo, dentro de suas discussões sobre igualdade de gênero, também coloca em pauta a cultura de estupro e como as mulheres vivem em uma cultura machista e opressora, portanto não seria errado dizer que a marcha ia de encontro com uma das idéias de tal movimento. Os dois estavam falando exatamente a mesma língua.

Por onde o problema deve ser combatido, afinal? A mídia e as pessoas perpetuam os estereótipos, mas a mudança deve partir de órgãos mais poderosos. "Falta na verdade vontade política, pois para acabar com algo tão arraigado só com medidas políticas contundentes e enérgicas, e não temos isso hoje", acredita Luka. Com mais jovens aderindo às passeatas para reivindicar seus direitos e tentando se conscientizar sobre política, é possível que haja uma melhor representação governamental e que estes novos representantes passem a dar importância aos aspectos opressores da sociedade, podendo assim encontrar uma solução em programas de incentivo à igualdade e ao respeito ao próximo.